

Pontuações sobre a realidade na obra de Jacques Lacan.

Thoughts on reality in the works of Jacques Lacan

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

RESUMO:

A física quântica e a ciência cognitiva propõem ideias interessantes que questionam nossos conceitos intuitivos de realidade e objetividade. Pretende-se pesquisar a associação do conceito de realidade na obra de Jacques Lacan através de conceitos covariantes para compreender seu funcionamento nas estruturas clínicas. Lacan propõe uma realidade transindividual que depende do campo do inconsciente. A realidade humana adquire sua dimensão a partir da operatória do significante Nome-do-Pai que organiza e funda o Outro como campo simbolizado e legalizado. A realidade alienada percebida do eu depende das condições de estruturação dos significantes da realidade do inconsciente.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan – realidade - imissão de outridade - estruturas clínicas -topologia - esquema R.

ABSTRACT:

Quantum physics and quantum cognitive science propose interesting ideas that challenge our intuitive concepts of reality and objectivity. We investigate the articulation of the concept of reality in the works of Jacques Lacan through covariant concepts in order to understand the functioning of reality in clinical structures. Lacan proposes a transindividual reality that depends on the unconscious field. Human reality attains its dimension through the function of the Name-of-the-Father significant, which organizes and grounds the Other as a symbolized and legalized field. The alienated reality, perceived by the I, depends on the conditions that structure the signifiers within the reality of the unconscious.

KEYWORDS: Lacan – reality - inmixion of otherness - clinical structures – topology - R scheme.

1. Introdução

Seguindo o programa de pesquisa da APOLa, podemos pensar o inconsciente como uma máquina significante; e a realidade, por conseguinte, pode ser proposta como um de seus efeitos: uma realidade virtual. Esta é uma ideia muito difícil de processar e apresentada

atualmente por alguns cientistas da física e da ciência cognitiva quântica: a realidade propriamente dita é inacessível, e vivemos em uma virtualidade. No entanto, no que diz respeito ao nosso trabalho, esta é uma ideia central para considerar as possibilidades de mudança na análise.

Existe uma realidade na análise? Como se apresenta, articula-se, sustenta-se?

Durante as análises, é possível mudar a realidade de nossos pacientes?

Os filósofos se perguntam, desde sempre, se existe algo fora de nossos pensamentos. Poderíamos traduzir este problema em nosso campo: existe uma realidade fora do campo de nossos pensamentos? A realidade da qual nos ocupamos na psicanálise é de estrutura virtual? Se esta hipótese é possível, podemos pensar como modificá-la, determinar elementos e relações, e introduzir a ideia de outras realidades possíveis.

2. Algumas propostas atuais sobre a realidade nas ciências quânticas

A física quântica e a ciência cognitiva quântica propõem ideias interessantes que questionam nossos conceitos intuitivos de realidade.

2.1. Elon Musk: vivemos em uma simulação

Elon Musk é engenheiro, inventor, empreendedor, formado em física. Definiu seu objetivo pessoal como sendo o de transformar a espécie humana em multiplanetária e postergar sua destruição. No dia 2 de junho de 2016, apresentou suas ideias sobre o impacto atual e o futuro da tecnologia em nossas vidas, nossas comunidades e o mundo, durante a conferência chamada Code, nos Estados Unidos.

Um participante do público perguntou sua opinião sobre a ideia de que uma civilização avançada poderia ter criado uma simulação que seja similar àquela na qual existimos e sobre as consequências desta teoria: estamos em uma simulação?

Elon Musk respondeu que o argumento mais forte proposto atualmente, para pensar que estamos em uma simulação, é que contamos com simulações muito realistas com milhões de pessoas que participam simultaneamente no mundo todo, e que a cada ano são melhores do que no ano anterior. Temos realidades virtuais e, se pensarmos nos jogos, vamos chegar a um momento no qual estes não poderão ser diferenciados da realidade. As possibilidades de que estejamos em uma realidade base (não virtual) é de uma em

bilhões. Musk disse que deseja que esta teoria seja verdade, que vivemos em uma simulação, porque, ou criamos civilizações que são realidades virtuais, ou a civilização vai acabar. No dia seguinte, as notícias simplificaram seu comentário, dizendo que ele estava louco, e que acredita que vivemos em um jogo de videogame.

O cerne de seu comentário foi a ideia de que vivemos em uma realidade virtual. Não é esta ideia similar à proposta por Lacan sobre a realidade na qual vivem os seres humanos? Em seu texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, propõe estas ideias sobre o caso Dora de Sigmund Freud:

Outro exemplo notável: quando obriga Dora a comprovar que, nessa grande desordem do mundo de seu pai, cujos danos são objeto de sua reclamação, ela mesma fez mais do que participar dele, que ela se tornou sua engrenagem, e que este não teria conseguido continuar sem sua complacência. Há muito tempo tenho enfatizado o procedimento hegeliano dessa inversão das posições da "bela alma" no que diz respeito à **realidade** que ela acusa. Não se trata de adaptá-la, mas sim de mostrar a ela que já está demasiado adaptada, já que **contribui para sua fabricação**.¹

Nós vivemos em uma realidade fabricada à qual estamos, como Dora, perfeitamente adaptados? E como ela; sem acesso direto a sua trama, estrutura, funcionamento, determinantes, e ao drama de sua repetição sintomática?

2.2. Gabriela Barreto Lemos² e a proposta da realidade óptica quântica

A pesquisadora brasileira Gabriela Barreto Lemos³, especialista em óptica quântica, afirma que estamos acostumados a pensar que vivemos em um mundo independente de nós; mas o que aconteceria, se apenas observando-o, nós o modificássemos? Pensemos nesta ideia com determinação, porque está no centro da nossa prática clínica: produzimos resultados apenas observando?

1 Lacan, J. (1958). La dirección de la cura y los principios de su poder. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. (Tradução nossa).

2 Comentário baseado em sua apresentação na Conferência TED:

<https://www.youtube.com/watch?v=gEdQQA97V7g>

3 Membro do “Vienna Center for Quantum Science and Technology”, na Áustria

Gabriela, em sua conferência TED, conta que um dos fundadores da teoria quântica — Werner Heisenberg — propõe que as partículas elementares e átomos que formam toda a matéria não são reais, mas formam **um mundo de possibilidades**, não um mundo de fatos. Isto é, vivemos em um mundo onde nada está predeterminado.

A mecânica quântica desafia a ideia de que **a realidade existe independentemente de nós**. Algumas pessoas acreditam que existe algum tipo de realidade fora; esta crença é questionada fortemente por essa teoria. Propõe, além disso, que a mecânica quântica muda todas as nossas ideias intuitivas de como são e funcionam **o espaço e o tempo**.

Em nosso campo, estas ideias novas sobre a realidade como mundo de possibilidades, e não de fatos, pode ser muito poderosa para pensar casos clínicos. Podemos verificar, muito frequentemente, que temos casos nos quais a realidade está comprometida em relação às funções de tempo e espaço. Por exemplo:

- Pacientes que vivem continuamente em um tempo presente e sentem dificuldade em se localizar na sua história ou projetar um futuro.
- Outros que têm dificuldades espaciais-geométricas: diante de outro, pode acontecer de não conseguirem se diferenciar, ou repetir circuitos de interação onde não é possível saber se provêm de um outro ou de seu eu (o que Lacan denomina regressão ao estágio do espelho).
- Pacientes que sofrem de outros problemas espaciais em relação a se mover no espaço físico: não conseguem dirigir um veículo por não dimensionar o espaço; ou não conseguem sair de determinado espaço físico, tal como em uma agorafobia.

Estes sintomas específicos em relação ao tempo e ao espaço são efeito de uma determinada estrutura da realidade.

2.3. Donald Hoffman: uma proposta contra a realidade

Donald Hoffman é um cientista da área cognitiva quântica que, durante os últimos 30 anos, dedicou-se a estudar a percepção, inteligência artificial, teorias dos jogos e o cérebro.

Nosso comentário é feito a partir de seu artigo na revista *The Atlantic: The case against reality*.⁴

A ciência cognitiva quântica cria modelos computacionais dos processos mentais que ocorrem, por exemplo, na aprendizagem, na memória, na linguagem e na percepção. Propõe ir além da teoria cognitiva clássica, e se baseia na teoria dos jogos,⁵ e na computação quântica.

Compartilhamos algumas ideias interessantes do autor deste texto para pensar a realidade:⁶

- O mundo que se apresenta às nossas percepções não é nada como a realidade, é uma ilusão que temos que agradecer à evolução.
- A pergunta pela natureza da realidade — e a possibilidade de desenredar o observador do observado — é um esforço que ultrapassa as fronteiras da neurociência e da física fundamental. Os físicos quânticos estão maravilhados com o fato singular de que os sistemas quânticos não parecem ser objetos definitivos localizados no espaço até que nós aparecemos para observá-los. O ensino central da física quântica é claro: não há objetos públicos localizados por aí afora em um espaço preexistente.
- Os físicos quânticos se debatem com o mistério de como pode existir algo que não seja realidade em primeira pessoa. Todos os caminhos levam ao **observador**. Aí é onde Hoffman se encontra, tentando criar um modelo matemático do observador, tratando de chegar à realidade atrás da ilusão.
- Tudo o que vemos é uma grande ilusão? Temos percepções que nos mantém vivos, e temos que levá-las a sério. Exemplo: cobras, trens; como as partículas na física, não tem objetivo, não tem características independentes do observador. Minhas cobras e meus trens são minhas representações mentais, as suas são suas representações mentais.

4 <https://www.theatlantic.com/science/archive/2016/04/the-illusion-of-reality/479559/>

5 https://en.wikipedia.org/wiki/Quantum_game_theory

6 tradução nossa.

- Quando era criança, Hoffman estava preocupado com a pergunta: somos máquinas? Se fosse assim, gostaria de saber qual é essa máquina mágica e especial; para além da máquina — nós, em psicanálise, temos uma resposta para essa pergunta: é o campo da linguagem, que Lacan chama de Grande Outro. Ele se dedicou ao estudo da inteligência artificial e percepção das máquinas, inspirado por Alan Turing, e decidiu desenvolver modelos matemáticos para habilidades visuais específicas, ao perceber que parecem ter em comum uma estrutura matemática. Como Turing, deseja inventar uma formalização simples para fundar a ciência da observação.
- Existe um mundo externo? Chamou-o de **realismo consciente**: a realidade objetiva é somente formada por agentes conscientes, somente pontos de vista. Se consideramos que existam apenas agente conscientes, o que acontece, então, com a ciência que sempre foi uma descrição do mundo em terceira pessoa? A ideia de **objetividade**, de que podemos medir o mesmo objeto na mesma situação e obter os mesmos resultados, não pode se sustentar a partir da mecânica quântica.

3. Jacques Lacan: algumas pontuações teóricas sobre o conceito de realidade em sua obra.

3.1. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953).

Lacan sustenta que, na análise, trata-se de uma **realidade transindividual**:

Seus meios são os da palavra enquanto confere às funções do indivíduo um sentido: seu domínio é o do discurso concreto enquanto campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história na medida em que constitui a emergência da verdade no real.⁷

O inconsciente é aquela parte do discurso concreto enquanto transindividual que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.

⁷ Lacan, J. (1953). Función y Campo de la palabra y del lenguaje. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

Assim, desaparece o paradoxo que apresenta a noção do inconsciente, se ela se refere a uma realidade individual.⁸

Não trabalhamos com uma realidade individual como as ciências quânticas fazem. A **realidade transindividual** proposta por Lacan depende de um campo determinado por um discurso. Esse discurso é compartilhado pelo sujeito com outros. A realidade está determinada por operações de sua história que produzem emergências da verdade no real. Com os conceitos que trabalhamos em APOLa, seria similar a pensar a realidade em **imissão de outridade**. Esta seria uma diferença fundamental com as propostas da física quântica, a óptica quântica e a ciência cognitiva quântica.

3.2. “O simbólico, o imaginário e o real” (1953)

É o título da conferência que será a primeira **comunicação científica** de Lacan:

... a confrontação desses três registros, que são precisamente os registros essenciais da **realidade humana**, registros muito distintos e que se chamam: o simbólico, o imaginário e o real.⁹

Como a realidade humana é determinada? Pela articulação particular dos três registros. O que existe são os três de Lacan: **o real, o simbólico e o imaginário**. Desde o início de seu ensino, insiste nisso: seus três.

3.3. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958).

Além disso, esse jogo [dos significantes], na medida em que é instituído como regra para além de cada partida, estrutura, já no sujeito, as três instâncias: eu (ideal), realidade, supereu, cuja determinação será obra da segunda tópica freudiana.¹⁰

8 Idem.

9 Lacan. J. (1953). *Conferencia: Lo simbólico, lo imaginario y lo real* (versão crítica). Traduzida por Ricardo E. Rodríguez Ponte. (Tradução nossa).

10 Lacan. J. (1958). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos* Buenos Aires: Paidós. (Tradução nossa).

O jogo dos significantes determina a realidade. O Outro, campo transindividual, determinado por articulações de cadeias significantes, determina a realidade. A forma na qual está articulado o Outro condiciona o *perceptum*: condicionam a realidade tal como a percebo. O **esquema R** proposto neste texto consiste em um sistema de elementos relacionados que nos permite pensar em como se organiza a realidade em um determinado material clínico.

R no esquema não é o real, mas o **campo da realidade**, e encobre o real. Tem uma estrutura imaginária, e como tal se apoia no simbólico. O destaque responde a isso: a realidade encobre o real, tela. Também indica que a realidade está sobreposta ao campo do imaginário e apoiada no simbólico.

O quarto termo é dado pelo **sujeito em sua realidade**, como tal foracluída no sistema e só entrando sob o modo do morto no jogo dos significantes, mas tornando-se o sujeito verdadeiro à medida que esse jogo dos significantes vem dar-lhe significação.¹¹

Inscrevamos aqui desde já, a título de visualização conceitual desse duplo ternário, o que chamaremos doravante de esquema R, e que representa as linhas de condicionamento do *perceptum*, ou, em outras palavras, do objeto, na medida em que essas linhas circunscrevem o campo da realidade.¹²

Em *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*, Alfredo Eidelsztein propõe esta acertada definição do esquema R:

O esquema R é a teorização da função paterna na articulação, no entrelaçamento peculiar do simbólico, imaginário, e real que é a neurose.¹³

O **esquema R** é uma superfície, portanto, requer ser abordada a partir da topologia. O texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” foi escrito nas mesmas semanas que as aulas do *Seminário 5*, no qual Lacan trabalha a **metáfora paterna**.

11 Lacan. J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em *Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 557.

12 Idem p. 559

13 Eidelsztein, A. (2010) *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 8. (Tradução nossa).

3.4. *Seminário 5: As formações do inconsciente (1958)*

Neste Seminário, o problema da realidade aparece na segunda seção, a partir da aula do dia 8 de janeiro de 1958, em relação ao Complexo de Édipo e a operatória da metáfora paterna. Lacan nos apresenta o sujeito como dependente dos três polos chamados: ideal do eu, supereu e **realidade**.¹⁴ Esses três polos fazem parte do que ele chama de **tema histórico do complexo de Édipo**.

Na aula seguinte, do dia 15 de janeiro de 1968, propõe que, nos casos de perversão e de psicose, trata-se de perturbações da função imaginária, operando sobre o campo da realidade.

... trata-se certamente de manifestações patológicas nas quais **o campo da realidade** está profundamente perturbado por imagens.¹⁵

Apresenta essas perturbações da realidade determinadas pela articulação do Complexo de Édipo, pela função — ou não funcionamento — do pai, apresentado como significante Nome-do-Pai. O pai é o pai simbólico, é uma metáfora:

É um significante que vem em lugar de outro significante. Digo que isto é o pai no complexo de Édipo, embora deixe alguns atônitos.¹⁶

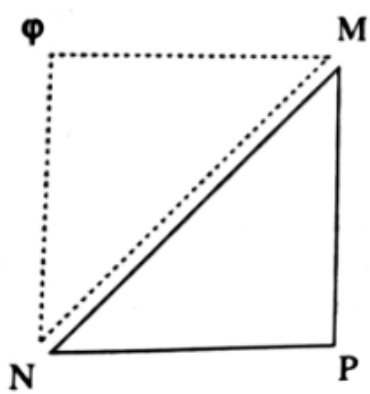
O pai é o significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização: o significante materno. O Édipo, para Lacan, pode ser resumido como a intervenção do pai como significante na estrutura que permite que seja possível a substituição de um significante por outro significante. Isso implica a introdução da lei no campo do Outro: um significante representará um sujeito para outro significante; nunca um sujeito de forma direta.

14 Lacan. J. (1957-1958) *Seminário 5: Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. p. 61. (Tradução nossa).

15 Idem, p. 168. (Tradução nossa).

16 Idem, p. 179. (Tradução nossa).

A primeira **relação de realidade** se apresenta entre a mãe e a criança, e é aí onde a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivente.¹⁷



Nesta primeira relação com a mãe, estabelece-se o triângulo imaginário, na medida em que a criança depende do desejo da mãe e desta primeira simbolização: a mãe como aquele ser que pode estar ou não estar. Como resultado desta operação, seu desejo é o desejo da mãe. Esta simbolização abre a dimensão de que a mãe poderia desejar **outra coisa**. Aparece o desejo de Outra coisa: **o falo**. Este desejo do Outro se apresenta como um para além. A posição do falo no ternário imaginário é consequência da localização do pai no ternário simbólico:

O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei.¹⁸

Na aula de 5 de fevereiro de 1958, volta a abordar o problema da realidade; e nos propõe pensar que não existe a introdução do sujeito a uma realidade qualquer a partir da pura e simples experiência de vida.¹⁹ A introdução à realidade é produzida no homem a partir do significante; e especialmente através da palavra, da voz do outro. Antes, inclusive, de que um sujeito domine a linguagem, existe uma simbolização na origem, em seus primeiros vínculos com o objeto primordial do qual depende que subsista no mundo. Nessa primeira relação da criança com sua mãe, constitui-se a primeira relação com a realidade. Articula

17 Idem, p. 186. (Tradução pessoal).

18 Idem, p. 202. (Tradução pessoal).

19 Idem, p. 230.

este encontro com uma primeira realidade com o conceito de **estádio do espelho**. O sujeito se encontra neste estádio com uma imagem virtual cativante: a imagem de seu corpo,

... que tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura certa libido do sujeito, certo instinto, graças ao qual, com efeito, alguns pontos de referência, pontos psicanalíticos no mundo, permitem ao ser vivo organizar seus comportamentos.²⁰

Este encontro com sua imagem do corpo lhe oferece uma **realidade virtual**, irrealizada, a ser conquistada e, dela, depende a possibilidade de construção de toda a realidade humana. Esta imagem vai permitir uma cristalização do eu do sujeito que vai se constituir como a possibilidade de organização do imaginário. Também lhe permite localizar-se na realidade e em um movimento duplo, começar suas primeiras identificações no campo simbólico. A

realidade se constrói por uma articulação de dois planos: plano imaginário e plano simbólico em um duplo movimento de oscilação:

Por um lado, a realidade é conquistada pelo sujeito humano na medida em que dita realidade alcança um de seus limites sob a forma virtual da imagem do corpo. Em correspondência com isto, se o sujeito consegue ampliar o campo desta experiência até à medida que tem para o sujeito humano, é porque introduz em seu campo de experiência os elementos irrealis do significante.²¹

A realidade humana cobra sua dimensão a partir da operatória do significante Nome-do-Pai, que organiza e funda o lugar do Outro como campo legalizado. Lugar organizado dos significantes: o inconsciente é o discurso do Outro. As possibilidades de estruturação da realidade do sujeito vão depender de como este lugar esteja organizado. A **realidade alienada**, percebida pelo eu, depende das condições de estruturação dos significantes da **realidade do inconsciente**.

20 Idem, p. 233. (Tradução pessoal).

21 *Ibidem*, p. 236. (Tradução nossa).

3.5. “Da psicanálise em suas relações com a realidade” (1967)

Por mais assombroso que possa parecer, direi que a psicanálise, ou seja, o que um procedimento abre como campo à experiência, é a realidade. A **realidade** é baseada nele como absolutamente **unívoca**, o que é único em nossa época, comparado com a maneira na qual enredam os outros discursos.²²

Propõe-nos, na introdução desse texto, que a psicanálise é **a realidade**, uma realidade que nos é apresentada como **unívoca**. Não se trata da mística de um sentido para além da realidade, nem da realidade de uma "experiência interior", nem da realidade do consultório do analista. Propõe-nos pensar uma **relatividade** introduzida pelo inconsciente, que se inscreve na realidade.

É uma realidade restringida que implica ela mesma uma realidade como material, que não é interpretável como prova de outra realidade que a transcenderia. Sobre essa realidade, opera a interpretação psicanalítica, que produz mudanças sobre os elementos significantes que a recortam. Propõe pensar que o psíquico faz parte da **realidade do inconsciente**, não de uma realidade dura ou sólida. Trata-se de construir o que é suporte, o que é causa, o que está em jogo organizando essa realidade: o inconsciente como lugar do Outro.

Tanto o princípio do prazer como o princípio da realidade se sustentam sobre a realidade do inconsciente comandada pelo fantasma, não de uma realidade biológica ou externa.

A realidade, em vista disso, é comandada pela fantasia como aquilo em que o sujeito se realiza em sua própria divisão.²³

A realidade alienada do sujeito tem que ser considerada como a realidade pensada do eu penso, sujeito do conhecimento. O analisante é aquele que consegue identificar essa alienação e descobrir o fantasma como motor da realidade psíquica e o sujeito dividido. Nessa tarefa, o analista não é a medida da realidade, como propõe os psicanalistas do eu. Oferece-se como sustentação desse des-ser para que possa pensar-se como sujeito dividido.

22 Lacan, J. (1967). Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 371. (Tradução nossa).

23 Lacan, J. (1998). Da psicanálise em suas relações com a realidade. Em *Otros Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 357.

O objetivo é que se possa articular a realidade do inconsciente aos atos da realidade alienada, a partir de uma topologia particular que determina seus pontos de ancoragem.

... o analista não recusa nem o princípio do prazer nem o da realidade, simplesmente ele é, ali, igual àquele a quem guia, e, não pode, nem deve, de forma alguma, levá-lo a transpô-los.²⁴

Temos a **realidade alienada do sujeito** e a **realidade do inconsciente**, a separação entre ambas sustentada pelo ato do analista. Lacan finaliza este escrito com uma proposta enigmática para pensar nossa prática:

O analista faz-se guardião da realidade coletiva, sem sequer ter competência para isso. Sua alienação é redobrada – pelo fato de lhe ser possível escapar dela.²⁵

4. **Esquema R: a realidade como resultado da articulação do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração em Lacan.**

O esquema R proposto por Lacan implica a reformulação do Complexo de Édipo e de Castração de Freud no novo paradigma proposto por Lacan. Neste esquema, a **realidade** aparece como campo topológico resultado da articulação dos três registros. Para entender esta profunda mudança conceitual, é necessário poder diferenciar, em uma primeira etapa, o Complexo de Édipo em Freud e o Nome do Pai em Lacan.

Proponho seguir a proposta de Alfredo Eidelsztein, na Revista *El Rey Está Desnudo*,²⁶ na qual resume, nestes elementos mínimos, a teoria de Lacan sobre a estrutura da **metáfora paterna**:

- **Filho** é um "objeto" genérico da estrutura, e seu significado será estabelecido caso a caso, depois da operação da metáfora.
- **Desejo da mãe** é uma função que encarna o **Outro** e que pode ser qualquer um.

24 Lacan, J. (1967). Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 379. (Tradução nossa).

25 Lacan, J. (1998). Da psicanálise em suas relações com a realidade. Em *Otros Escritos*. São Paulo: Zahar. p. 358.

26 Eidelsztein, A. (2018). *El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales*. Revista *El Rey está desnudo*, 13, 7-16

- **Nome do pai** é um significante: não deve nem pode ser ninguém. Indica como a função de legalidade opera em todos os participantes, a lei sobre todos eles. Trata-se de uma lei que não pertence a nenhum código, e que afirma que nenhum dos participantes pode ser equiparado ao Outro (A), o que significaria sua onipotência. Ninguém impõe a lei a outro, a questão é se todos aqueles que encarnam a função **Desejo da mãe** estão ou não submetidos à lei da estrutura.

O esquema R corresponde então à estrutura das neuroses, e se caracteriza por operar a legalidade do pai. O que quer dizer que o significante Nome-do-Pai (P) opera na estrutura (A). O pai é um puro significante, diz Lacan, e sua operação produz simultaneamente três efeitos:²⁷

- A barrado: \bar{A}
- Sujeito barrado: $\bar{\$}$
- Extração do objeto a

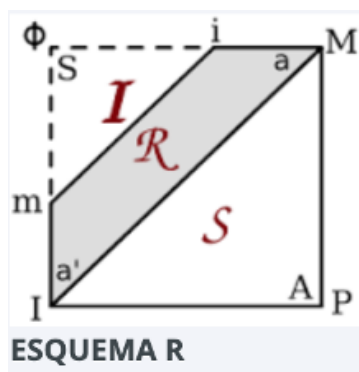
Lacan articula o complexo de Édipo e o de Castração fazendo da função paterna a operação de significantes (metáfora paterna). Só depois que o significante Nome do Pai substitui o significante Desejo da Mãe em seu lugar, é introduzida a função da lei no Outro pela via da interdição, e são articulados lei e desejo. Sem esta associação, a mãe permanece no lugar do Outro onipotente e seu desejo opera como capricho, uma vez que não opera sua castração.

A **realidade normatizada**, que vemos aparecer na clínica das neuroses, requer a operatória da metáfora paterna; ou seja, do funcionamento do significante Nome do Pai. A operatória deste significante particular determina que a realidade se apresente como **fechada** nas neuroses (esquema R); ou **aberta** como na clínica das psicoses (esquema I). Lacan propõe que a extração do **objeto a** é a operação fundamental que sustenta o marco da realidade. O problema na psicose é que a extração do objeto a não está inscrita, o que produz um funcionamento anômalo da realidade, porque não se inclui nenhum ponto que opere como impossível.²⁸

27 Eidelsztein, A. (2020). Apresentado em seu *Seminário de Casos Clínicos*, online, setembro 2020.

28 *Ibidem*, p. 202.

Esquema R: análise de seus elementos e articulações para pensar a realidade.²⁹



Lacan define a estrutura do esquema como um duplo ternário. O simbólico: **MIP** e o imaginário: **φaa'**. No triângulo imaginário, distingue-se o triângulo **Sim** do sujeito no imaginário, do quadrângulo da realidade **MimI**. A relação dos dois ternários imaginário e simbólico é de homologia, ou seja, são qualitativamente equivalentes. Também são homólogos: os pares **a-a'** com **M-I**; e **S** sob **φ** com **P** sob **A**.

O quadrângulo da realidade é uma **banda de Moebius**, que tem um só lado e uma só borda. A realidade para o ser humano é a consequência da articulação do simbólico, o imaginário e o real. A R (realidade) tal qual se dá na neurose é uma superfície com uma só borda e duas dimensões: uma superfície de projeção, uma tela.

Definições das letras do esquema:

- **I:** registro imaginário.
- **R:** registro real, velado pela realidade.
- **S:** registro simbólico, a estrutura da linguagem e o sistema legal que implica.
- **A:** O Outro que deve ser diferenciado de S
- **m:** o *moi*, o eu, decantado de identificações narcisistas.
- **i:** imagem do semelhante, complemento de *moi*.
- **a:** o objeto imaginário, vinculado com a função materna, com laços de amor e ódio.

²⁹ A lista e descrição de todos estes elementos foi confeccionada a partir do texto de Lacan “De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis”, e os livros de Alfredo Eidelsztein: *Topología en la Clínica Psicoanalítica y Modelos, Esquema y grafos en la enseñanza de Lacan*.

- **a'**: figuras do outro nas quais o eu se identifica, até a identificação paterna ao ideal do eu.
- **M**: significante do objeto primordial.
- **P**: a posição em A do Nome-do-Pai. Implica a função P em A, do significante que, no Outro, enquanto lugar do significante, é o significante do Outro enquanto lugar da lei.
- ϕ/S : a significação do sujeito S sob o significante do falo. Não é o significante fálico, é a significação fálica, produto da operatória de metáfora paterna.
- **I**: é o ideal do eu, significante operando como o ideal. Tem duas vertentes: MI, que são as marcas significantes, insígnias das respostas deste Outro onipotente aos chamados da criança. I são as marcas da onipotência do Outro. A criança enquanto desejado constitui o vértice I.
- **MI**: relação de amor
- **S**: sujeito no simbólico, embora se encontre em um triângulo imaginário. O significante do sujeito está foracluído na neurose. O quarto termo S (a respeito de M, I e P) está dado pelo sujeito em sua realidade, como tal foracluído do sistema, e somente entra no jogo significante sob o modo do morto.

Onde localizamos o **objeto a** neste esquema? A realidade barra o Real, o **objeto a** se encontra barrado pela realidade. O **objeto a** é o marco do fantasma que sustenta o campo da realidade por sua própria extração. É localizável no esquema em função do corte: é reduzido

ao próprio corte. O corte está representado por: mi, MI, que Lacan denomina o único corte válido, que isola uma banda de Moebius.

O que acontece se o objeto a não é extraído? Lacan responde a este problema com o Esquema I, correspondente à clínica da psicose.

- **Infinitização**: as quatro extremidades do sombreamento estão abertas.
- esquema I mantém o caminho do esquema R: Saa'A: o relacionamento com o outro semelhante é possível.

R (realidade) no esquema I:

- Representa as condições sob as quais a realidade foi restaurada.
- É uma espécie de **ilhota**, determinada por retoques excêntricos do imaginário e do simbólico, que a reduzem ao campo de desnível entre os dois.
- A realidade está subordinada em sua causa e processo a este procedimento de restauração.

A realidade para Lacan é a **realidade do inconsciente**; que se diferencia e opõe como conceito à **realidade alienada** do eu penso do sujeito do conhecimento. Não se trata da realidade individual, subjetiva, a visão particular de um indivíduo. O inconsciente de Lacan é transindividual, portanto, opera com uma realidade produzida em **imissão de outridade**. Realidade é, para Lacan, o que retorna sempre ao mesmo lugar como articulação dos 3 registros.

6. A estrutura da realidade em Lacan, segundo Alfredo Eidelsztein

O texto de referência de Alfredo Eidelsztein (A.E.) neste tema é *La topología en la Clínica Psicoanalítica*. Nos três últimos capítulos deste livro, ele apresenta sua pesquisa sobre a estrutura da realidade na obra de J. Lacan associada à topologia.

A.E. nos oferece um material preciso para poder pensar o esquema R de Lacan do escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” articulado a superfícies da topologia:

- O quadrângulo da realidade corresponde a uma banda de Moebius.
- Todo o esquema R pode ser pensado como um cross-cap.
- A operatória do objeto a, em relação a um plano projetivo.

A primeira ideia que A.E. apresenta é que, para Lacan, a extração do **objeto a** sustenta o marco da realidade, como é apresentado em uma nota de rodapé do escrito “De uma questão preliminar...”. No campo da psicose, a não inscrição da extração deste objeto produz funcionamentos anômalos na realidade. Para Lacan, a realidade no mundo humano é o resultado da articulação dos 3 registros a partir da extração do objeto a.

A. E. nos propõe pensar que não há realidade psíquica, entendida como a realidade pessoal ou individual:

Não, não há realidade psíquica. O que opera para cada um de nós é uma maquininha que nos escreve um limite, um marco e um roteiro para ela.
[...] E isso não significa que sejamos relativistas na noção de verdade, embora não haja verdade da verdade. Sim, estamos abertos a que, se foi certo, se foi verdadeiro o que dissemos, poderemos chegar a nos surpreender de que se inscreva em uma realidade superior que o retifique.³⁰

No capítulo seguinte, é introduzido o **plano projetivo** para dar uma noção estrutural do objeto a e a operação de sua extração. Apresenta o problema da extração clinicamente, com as alucinações do campo das psicoses, onde vemos que não foi incorporado um elemento simbólico puramente abstrato: o Nome-do-Pai.

O **plano projetivo** é uma superfície fechada sem bordas, com uma só face e é usado para representar a realidade das neuroses. A realidade se apresenta como fechada quando consegue incorporar um elemento abstrato no lugar onde se produz o fechamento: nesse lugar encontramos o objeto a.

O **esquema R** topologicamente é uma semiesfera que se fecha na forma de cross-cap:

O cross-cap é uma superfície que [...] sendo fechada, não possui exterior nem interior: há continuidade entre o interior e o exterior; ou seja, eu sou eu, mas você está dentro de mim; isto é, o sujeito entendido como imisção de Outridade.³¹

30 Eidelsztein, A. (2006). *La Topología en la Clínica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. p. 211. (Tradução nossa).
31 *Ibidem*, p. 229. (Tradução nossa).

No caso das psicoses, esta superfície se apresenta como aberta e com dois abismos; é a ilha flutuando no nada do caso Schreber do **esquema I**. Não contam com elementos abstratos (N. do Pai) que produziria o esvaziamento que chamamos de extração do objeto a; e que permite diferenciar entre A — o Outro como campo simbólico — e sua incorporação em outros. Como a estrutura é aberta, a subjetividade pode ser invadida pelo Outro.

No último capítulo, apresenta a superfície topológica chamada de **cross-cap** para operar com a fórmula do fantasma: a união impossível de representar em três dimensões de uma esfera furada e uma banda de Moebius auto atravessada por sua linha média. É uma superfície fechada que coloca em continuidade o interior e o exterior; e nos permite pensar o inconsciente como discurso do Outro (exterior), que opera a partir de dentro. Esta superfície topológica nos permite pensar a realidade como estruturada a partir de algo que funciona como fora de linha: a extração do objeto a.

O que o cross-cap nos ensina de melhor [...] é que, para além da condição neurótica, para além do fim de análise, sempre resta, como parte integrante da estruturação normal da realidade humana, um ponto anômalo. Nos casos de psicose, poderíamos testar a ideia de se não se trata de que esse ponto não está, sob a forma da ausência do funcionamento do impossível para o sujeito.³²

As superfícies topológicas possíveis para operar com a realidade na clínica psicanalítica — como nos ensina A.E. — são o **plano projetivo** e o **cross-cap**. São superfícies fechadas, sem bordas, de uma só face que nos permite pensar uma realidade fechada determinada pela operatória do objeto a elemento externo abstrato que funciona como fora de linha. Nas psicoses, a falta da inscrição deste elemento determina uma superfície aberta, onde a subjetividade pode se apresentar invadida pelo Outro. Também podem ser produzidos efeitos sobre a percepção do espaço e do tempo.

7. A realidade do inconsciente é a realidade sexual

No *Seminário 11*, é apresentado o conceito de realidade associado a vários conceitos fundamentais: transferência, inconsciente, sujeito, significante, desejo e realidade sexual.

³² *Ibidem*, p. 253. (Tradução nossa).

Na aula de 22 de abril de 1964, Lacan propõe que a realidade imaginária do sujeito foi constituída no Outro. O sujeito se vê no espaço do Outro e o Ideal do eu é ali, o ponto a partir do qual se olha. No final desta aula, nos propõe este aforismo:

...a transferência é a atualização da *realidade do inconsciente*.³³

A realidade da qual se trata é a da constituição do sujeito; uma realidade que a análise “não só traz à luz, como também engendra”.³⁴ Na aula seguinte, continua esse aforismo desta forma: “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente. A realidade do inconsciente é a realidade sexual”. O problema central é que o sexual, para Lacan, não é a sexualidade biológica:

A sexualidade só concerne à análise na medida em que se manifesta, em forma de pulsão, no desfiladeiro do significante...³⁵

Para Lacan, o inconsciente são os efeitos sobre o sujeito da fala, e está estruturado como uma linguagem. Propõe pensar, neste Seminário, esta ideia subversiva: “uma afinidade entre os enigmas da sexualidade e o jogo do significante”.³⁶ Propõe como equivalentes a estrutura significante e a estrutura genética; e as duas compartilhariam estas características: (1) função dominante de uma combinatória, que opera em termos imprescindíveis de alienação, (2) processos de redução e perda de elementos, e (3) operam pela expulsão de restos (objeto a).

A reprodução sexual humana consiste em funções que se distribuem segundo um jogo de alternâncias, trocas que são produzidas no plano da aliança, que é o plano do significante. Esta é a manobra de Lacan: substituir o conceito de libido de Freud por seu novo conceito de desejo, reformulado completamente a partir de seu grafo do desejo. A duplicidade do sujeito do enunciado e do sujeito da enunciação de sua proposta, demonstra a presença de um sujeito que deseja, e deseja sexualmente.

33 Lacan, J. (1964). *Seminário 11: Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. p.152. (Tradução nossa).

34 *Ibidem*, p. 156. (Tradução nossa).

35 *Ibidem*, p. 274. (Tradução nossa).

36 *Ibidem*, p. 157. (Tradução nossa).

Eu sustento que, com a análise [...] deve revelar-se o ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está vinculada à realidade sexual. Este ponto nodal se chama **o desejo**...

...o desejo se situa na dependência da demanda — demanda que por articular-se a significantes, deixa um resto metonímico que desliza sob ela, um elemento que não é indeterminado, que é uma condição, ao mesmo tempo absoluta e incompreensível, um elemento que está necessariamente em impasse, um elemento insatisfeito, impossível, não reconhecido, que se chama desejo.³⁷

O campo do desejo deve ser abordado a partir de uma topologia, e requer a articulação dos conceitos: desejo, demanda (associada pelo significante) e objeto a.

A transferência, em Lacan, como atualização da realidade sexual do inconsciente implica uma proposta não **individualista**, já que se produz em **imissão de outridade**. Requer um espaço **topológico** para ser pensada onde os critérios de interior-exterior não são fixos. Precisa de novas superfícies bidimensionais fundadas no funcionamento de um furo como o são o esquema da nassa, o oito interior, e cross-cap. É **antibiologicista**: a reprodução biológica

humana como estrutura combinatória; mesmo nossos cromossomos, por mais biológicos que sejam, podem ser abordados como estruturas combinatórias. É **criacionista**: a transferência é **um ato**, uma relação criada pela atualização do desejo do analista e baseada na teorização dos conceitual que sustenta — saiba ele ou não.

Por que a realidade sexual está unida ao inconsciente? Por que “a realidade sexual é a introdução do desejo, como desejo do Outro no sujeito”.³⁸ O desejo está articulado no discurso, mas não é articulável. O sujeito não pode dizer o que quer, não o sabe, não tem acesso. O desejo é interpretação. Como os mensageiros indígenas que levam as mensagens escritas em suas cabeças, está escrito, mas precisa ser lido. É por isso que a transferência é a atualização da realidade sexual do inconsciente, porque é o processo de leitura desse desejo, que insiste nas voltas da demanda.

³⁷ *Ibidem*, p. 160. (Tradução nossa).

³⁸ Frase de Lenadro Gomez, no trabalho sobre o Seminário 11, APOLa Posadas, 2020. (video disponível online).

8. Conclusões

A psicanálise é a **realidade**, afirma Lacan em 1967. No Seminário 11 ele nos propôs essa ideia:

[...] a sexualidade é a realidade do inconsciente.³⁹

A transferência é a atualização da realidade do inconsciente; uma realidade que Lacan chama de sexual. Trata-se da integração do plano do significante à realidade sexual, dado que a sexualidade só entra em jogo a partir do aparelho significante. Trata-se de construir esse aparelho, essa **máquina significante**, que permite aos corpos emparelharem-se, a partir de pulsões parciais. Na análise, trata-se de estabelecer qual é essa montagem particular do sujeito, que Lacan chama de **fantasma e sustenta a realidade**. A realidade sexual desconhecida para o sujeito, velada, desliza sob o discurso analítico.

Para Donald Hoffman, a consciência é a realidade primária, e a realidade física, secundária. Lacan de certa forma sustenta a mesma proposta: a psicanálise é a realidade primária para nosso campo.

Para concluir, a realidade proposta por Lacan é engendrada em análise e implica uma construção em imiscção de outriedade. A introdução do sujeito em uma realidade não existe a partir das experiências de vida, apenas se produz a partir do ingresso na ordem significante; especialmente, através da voz do outro. Para Lacan, a realidade da qual nos ocupamos na análise produz efeitos de verdade a serem lidos e associados rigorosamente via interpretação e manobras do discurso. A **realidade do inconsciente** pode ser analisada e modificada na clínica psicanalítica.

39 Lacan, J. (1964). *Seminário 11*. Buenos Aires: Paidós, p. 159. (Tradução nossa).

NÍVEL DE REALIDADE	CAMPO	PROPRIEDADES	DIMENSÕES
Realidade objetiva	Realidade da ciência	Inacessível em forma objetiva - subjetividade do observador	n D
Realidade individual	Realidade psíquica de Freud	Individual, percebida, do eu	3D
Realidade em psicanálise	Proposta de Lacan	Transindividual = imissão de Outridade. Materialidade significante.	2D

BIBLIOGRAFIA

1. Eidelsztein, A. (2006) *La Topología en la Clínica Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
2. Eidelsztein, A. (2010) *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Eidelsztein, A. (2018) *El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales*. Revista El Rey está desnudo, 13, 7-16.
4. Lacan, J. (1953). *Conferencia: Lo simbólico, lo imaginario y lo real (versión crítica)*. Traduzida por Ricardo E. Rodríguez Ponte.
5. Lacan, J. (1953). *Función y Campo de la palabra y del lenguaje*. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
6. Lacan, J. (1957-1958) *Seminario 5: Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós.
7. Lacan, J. (1958). *La dirección de la cura y los principios de su poder*. Em *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
8. Lacan, J. (1958). *De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis*. Em *Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
9. Lacan, J. (1964) *Seminario 11: Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós
10. Lacan, J. (1967). *Del psicoanálisis en sus relaciones con la realidad*. Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós.

CARINA RODRIGUEZ SCIUTTO

Psicanalista, residente em Fort Lauderdale, Flórida, USA; onde trabalha em clínica privada e na difusão da psicanálise. Membro da comissão diretiva de APOLa Internacional

Site: <https://www.carinarodriguezsciutto.com/>

E-mail: mhc.carina.rodriguez@gmail.com